

# Verdade dolorosa

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

Eleições costumam resultar em surpresas às vezes dolorosas. Winston Churchill, primeiro-ministro inglês que comandou a Inglaterra e liderou o mundo ocidental na Segunda Guerra Mundial, foi derrotado nas eleições de seu país logo após a rendição alemã. Foi excepcional líder na guerra, mas o eleitor inglês entendeu que era hora de mudar e de reconstruir os países em momento de paz. Ele perdeu. Nessa última eleição brasileira, ocorreu algo semelhante. O povo quis mudar e fez surgir nova geração de políticos conectados ao século 21, os melhores exemplos são Tabata Amaral e João Campos, dois jovens de esquerda.

Aconteceu uma mudança geracional. No Congresso, não há mais parlamentares que tenham sido constituintes. O último que está em Brasília é o presidente Lula. Na época da Constituinte, nenhum político teria coragem de se declarar de direita. No máximo, centro-direita. Ser de direita significava, na época, apoiar o governo militar, que acabara de ser retirado do poder. Ninguém queria mostrar uma face velha República. Era um momento para ser esquecido. O tempo passou, a economia brasileira mudou, o agronegócio prosperou, a música sertaneja fez sucesso e apareceu uma onda de direita. O capitão Bolsonaro, rude, grosseiro, pouco instruído, que teve vida profissional conflitiva com o Exército, aproveitou a oportunidade. Ele é paraquedista e sabe se jogar no vazio. Deu certo.

A eleição de 2024 mostrou que o Partido dos Trabalhadores (PT) está encolhendo como

entidade sindical. Está se transformando em partido parlamentar. Teve reduzido crescimento no seu número de prefeitos. Passou de 182 eleitos em 2020 para 248 no pleito deste ano. Não venceu em nenhuma capital em primeiro turno. Alguma coisa poderá mudar no segundo turno. Mas ocorreu queda de prestígio no berço político do partido: São Paulo. Petistas perderam em redutos tradicionais, como São Bernardo do Campo, domicílio eleitoral do presidente Lula. O candidato do partido, Luiz Fernando Teixeira, não alcançou o segundo turno apesar do empenho dos ministros Luiz Marinho (Trabalho) e Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário), que tiraram férias para atuar na campanha. Luiz Fernando ficou em terceiro lugar, com 23,1% dos votos. Ele é irmão do ministro do Desenvolvimento Agrário.

Outra surpresa ocorreu em Araraquara, onde a popularidade do prefeito, Edinho Silva, não foi suficiente para fazer de Eliana Honain sua sucessora. Na cidade, o bolsonarista Dr. Lapena (PL) derrotou a petista por 49,15% a 45,16%. Araraquara não tem segundo turno. A derrota pode abalar o favoritismo de Edinho Silva para ocupar o lugar de Gleisi Hoffmann na presidência do partido. Em Guarulhos, o deputado federal Alencar Santana, vice-líder do governo Lula na Câmara, não obteve 10% dos votos. O PT também teve derrotas em Osasco e em São Carlos. A Executiva do PT divulgou nota ressaltando a política de alianças, com as vitórias de João Campos (PSB), no Recife, e Eduardo Paes (PSD), no Rio, como prova de tática bem-sucedida. A chegada de Guilherme Boulos (PSOL) ao

segundo turno em São Paulo também é mencionada. Antes, o PT jamais negociava a cabeça de chapa na eleição. Agora, aceita ser parceiro.

O PSD, de Gilberto Kassab, elegeu 887 prefeitos. O velho MDB conseguiu vencer em 856 prefeituras. E o PP, em 752. Esses são os nomes vencedores. A eleição de prefeitos não tem efeito direto na eleição presidencial. Demonstra, porém, os partidos mais influentes. Isso aponta, naturalmente, para Tarcísio Freitas, governador de São Paulo, em eventual candidatura à Presidência. Vários governadores de centro-direita com prazer comporiam a chapa na Vice-Presidência. Na esquerda, só há, para concorrer, o nome de Lula, que terá 81 anos no momento da eleição. A idade poderá pesar. Na ausência dele, o único nome viável é de Fernando Haddad, ministro da Fazenda, que teve o cuidado de visitar seu líder mais de 70 vezes na prisão de Curitiba.

Haverá a pressão para que Bolsonaro se candidate à Presidência da República. Ele está inelegível. Será necessário que o Supremo Tribunal Federal (STF) o transforme em elegível, o que poderá ocorrer, na esteira de eventual anistia para os condenados pelos atos de janeiro de 2023. Bolsonaro é o representante da extrema-direita, dos belicosos, dos militares linha-dura que tentaram impor uma ditadura ao país. Conservadores e liberais, que fizeram a maioria dos novos eleitos, pretendem um governo democrático moderno, contemporâneo, com redução do Estado e abertura econômica para o mundo. Nesta eleição, os extremos foram derrotados pelo centro. Essa é a novidade.

## UnB: começa mais um semestre de excelência e compromisso social

» MÁRCIA ABRAHÃO  
Reitora da Universidade de Brasília (UnB)

Hoje, com imensa alegria, iniciamos mais um semestre letivo na Universidade de Brasília (UnB). É uma honra e um privilégio dar as boas-vindas aos mais de 53 mil estudantes, da graduação ao doutorado, tanto os novos quanto os veteranos.

A UnB é um marco na história da educação brasileira, fundada pelos visionários Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, que acreditaram no poder transformador do conhecimento e criaram uma universidade comprometida em buscar soluções para o país. Ao longo de mais de 60 anos, a Universidade de Brasília mantém viva essa missão, consolidando-se como uma das melhores instituições do Brasil e da América Latina, reafirmando o compromisso inabalável com a formação de excelência, a democracia, os direitos humanos e a sustentabilidade.

Nossa universidade foi pioneira nas ações afirmativas, sendo a primeira a implementar cotas raciais, um marco que contribuiu para um ambiente mais diverso e inclusivo em todo o país. Desde o início da nossa gestão, em 2016, nosso lema é: ninguém fica para trás. Foi assim também na pandemia e sob fortes ataques do governo Bolsonaro.

Hoje, mais de 11 mil estudantes têm café da manhã, almoço e jantar 100% subsidiados em nossos restaurantes, além de dezenas de outros tipos de auxílios e bolsas para todos. Para isso, o apoio de parlamentares da bancada do Distrito Federal tem sido fundamental.

É importante destacar que hoje temos um governo federal comprometido com a educação superior pública, empenhado em fortalecer o orçamento das universidades federais e garantir recursos para programas essenciais, como assistência estudantil e infraestrutura. Esse apoio é crucial para que a UnB supere os desafios e siga como um espaço de inclusão e transformação social.

No ano passado, demos mais um passo importante com o Vestibular 60mais, reforçando nosso compromisso com a educação ao longo da vida. A chegada desses novos estudantes é motivo de alegria, pois traz novos conhecimentos e histórias de vida à nossa comunidade. Essa iniciativa, junto com a construção da creche pública para atender à UnB e ao DF, é um orgulho da nossa gestão.

Nosso compromisso com a sociedade vai além dos limites físicos de nossos quatro campi — Ceilândia, Darcy Ribeiro, Gama e Planaltina —, dos polos de extensão e dos nossos cursos de graduação a distância. Promovemos atividades acadêmicas, esportivas, culturais, além de incentivar iniciativas como as empresas juniores e as equipes de competição acadêmica. Temos um hospital universitário de alto nível, uma fazenda, um centro olímpico, hospitais veterinários, uma editora, casas de cultura, a maior biblioteca pública do DF, a UnBTV e outros espaços que engrandecem a nossa universidade. Em breve, ofereceremos à população do DF uma TV aberta e a Rádio UnB, na frequência 86,7 MHz, conquistadas ano passado e em processo de implantação.

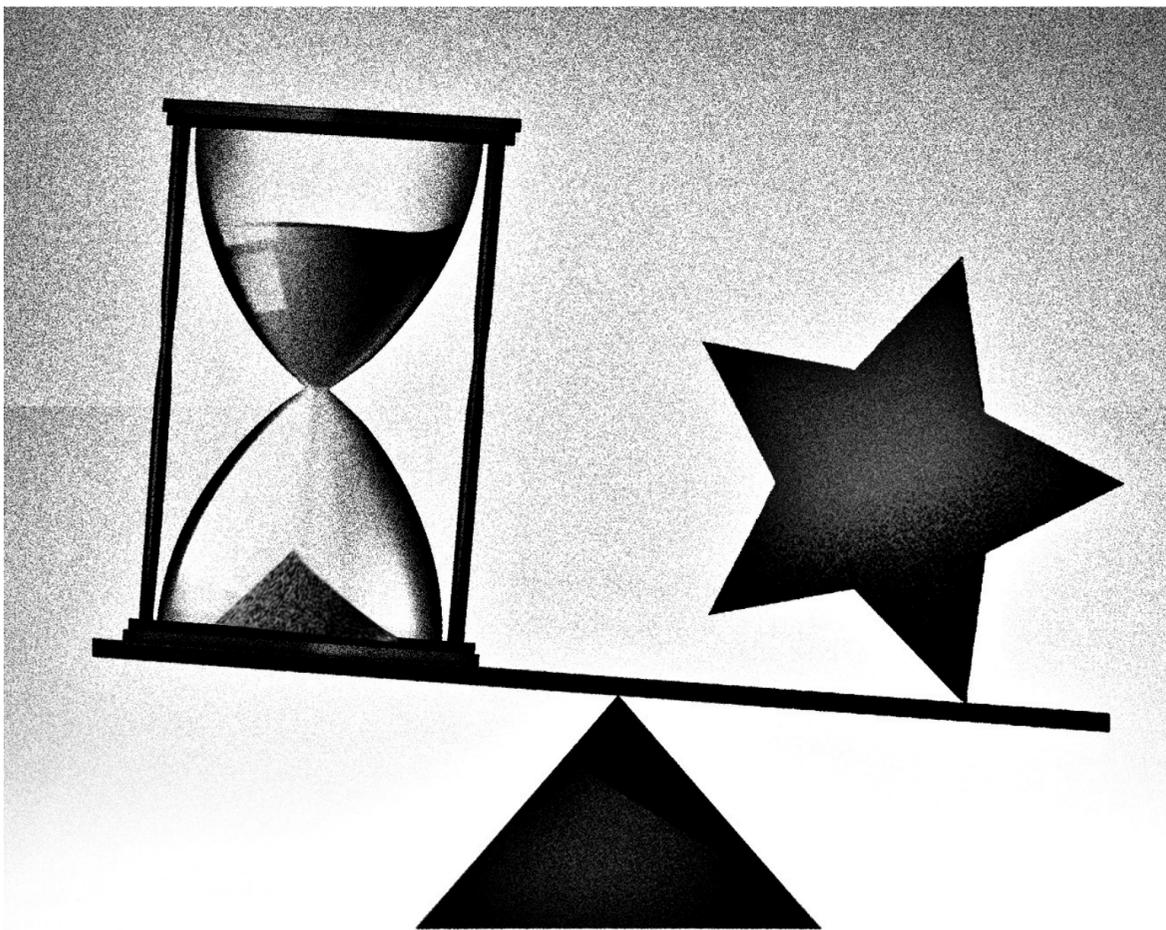
A cada dia fortalecemos a internacionalização, essencial para enriquecer nosso ambiente multicultural e consolidar a UnB na cooperação brasileira, como nas ações com a China para o combate à fome por meio da agricultura familiar. Como resultado de trabalho árduo e da competência dos nossos cientistas, estamos no topo dos principais rankings internacionais. A nossa pós-graduação deu um salto de qualidade nos últimos anos.

Acreditamos que o conhecimento e a inovação devem servir ao bem comum; por isso, desenvolvemos projetos e pesquisas voltados à proteção ambiental, defesa dos direitos humanos e promoção da equidade. Nossas ações de extensão aproximam a universidade da sociedade e contribuem para o desenvolvimento social e econômico do DF e do país.

Convido toda a população a participar da Semana Universitária, de 4 a 10 de novembro. O evento inclui diversas atividades, além de uma mostra de cursos para quem busca nossos cursos de graduação. Também estão abertas as inscrições para a Corrida e Caminhada HUB/UnB, que ocorrerá em 10 de novembro, às 7h.

Com orgulho, a UnB é território de construção da cidadania, onde cada voz importa. Desde que assumimos a gestão, fortalecemos as decisões colegiadas e defendemos com todas as forças a democracia. Incentivamos a participação ativa dos estudantes em todas as instâncias de debate e decisão.

Desejo a todas e todos um semestre de aprendizados e realizações. Que a UnB continue sendo referência de ousadia, pensamento crítico e democracia, como projetaram Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Sejam muito bem-vindos!



## A urgência de uma nova longevidade

» MARÍLIA DUQUE

Pesquisadora brasileira do projeto *Anthropology of Smartphones and Smart Ageing* da University College London, colíder de Nova Longevidade na Ashoka

» MARIA CLARA PINHEIRO

Colíder da iniciativa global da Ashoka em Nova Longevidade

Um país em que todas as pessoas possam envelhecer e com dignidade, contribuindo com suas famílias, comunidades e territórios. Esse é o projeto de futuro que mobiliza todo um ecossistema engajado em repensar e transformar a longevidade no Brasil. Essa nova longevidade depende do enfrentamento de problemas estruturais e investimento em políticas públicas pensadas para o envelhecimento e voltadas para educação, geração de renda, saúde, infraestrutura e participação cidadã. É o que apontou o *Mapeamento do ecossistema de inovação social em longevidade*, realizado pelo Lab Nova Longevidade em uma colaboração entre Ashoka, Instituto Beja e Itaú Viver Mais.

A educação, por exemplo, aparece no mapeamento como uma das principais barreiras para uma sociedade longeva e equitativa. A educação formal de qualidade e as oportunidades para aprendizado ao longo da vida estão relacionadas e devem ser priorizadas para garantir que todas as gerações tenham as ferramentas necessárias para se manterem saudáveis, produtivas e participando da sociedade.

Em 2022, 16% da população brasileira com 60 anos ou mais era analfabeta. A maior concentração de analfabetos estava na região Nordeste (11,7%) e a menor, no Sudeste (2,9%), segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

Contínua (Pnad Contínua — Educação). Propostas para superar essa barreira incluem desde a implementação curricular do tema do envelhecimento (já prevista pelo Estatuto da Pessoa Idosa) para uma educação para a longevidade até a sensibilização e a qualificação de profissionais de saúde para uma melhor interface com a população em acelerado envelhecimento.

O idadismo, preconceito contra idade, emerge como outra importante barreira. Ele limita as oportunidades de geração de renda e a inclusão e permanência da população idosa no mercado de trabalho, além de reduzir sua representatividade política e protagonismo na sociedade. Estudo do McKinsey Health Institute estima uma oportunidade de incremento de 4,7% no Produto Interno Bruto (PIB) anual se brasileiros com 55 anos ou mais que querem trabalhar, mas não estão empregados fossem incentivados a reingressar na força de trabalho. Além de sua manifestação nas esferas cultural, organizacional e interpessoal, o idadismo pode ser internalizado (autoidadismo), impedindo o envolvimento ativo de pessoas idosas em atividades educacionais e comunitárias.

É uma terceira barreira, não menos desafiadora, é a inclusão digital. A falta de letramento digital limita o acesso de pessoas idosas à informação, a serviços públicos essenciais, como saúde, e a oportunidades para aprendizado e requalificação

profissional. No Brasil, 58% da população com 60 anos ou mais acessa a internet, sendo que 43% da população analfabeta ou com educação básica acessa a internet contra 99% entre os brasileiros com ensino superior, de acordo com o TIC Domicílios 2023.

Por último, uma das lições mais importantes extraídas do mapeamento foi a necessidade de construir uma nova narrativa sobre o envelhecimento. Essa narrativa deve reconhecer que todas as pessoas, independentemente da idade, são capazes de contribuir para a sociedade. Para isso, é preciso criar indicadores que mensuram o impacto dessas contribuições, valorizando seus efeitos positivos para a saúde, a economia e o bem-estar social. Esses indicadores serão fundamentais para fomentar o diálogo entre setores e embasar políticas públicas transformadoras.

As propostas de melhoria para o cenário atual do envelhecimento no Brasil são claras: é necessário combater o idadismo, investir em educação continuada e inclusão digital, criar políticas públicas robustas e, acima de tudo, mudar a maneira como enxergamos o papel das pessoas idosas na sociedade. É hora de agir para garantir que todos os brasileiros possam envelhecer e envelhecer bem, com direito a uma cidadania plena, na qual todas as gerações contribuam e se reconheçam como partes de um projeto de futuro.